



**TEATRO DE RUA E SLAM CAMÉLIAS: PENSANDO SOBRE
DECOLONIALIDADE EM PESQUISA**

**STREET THEATER AND SLAM CAMÉLIAS: THINKING ABOUT
DECOLONIALITY IN RESEARCH**

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere – UCDB\CAPES – juliapalmiere@hotmail.com

Anita Guazzelli Bernardes – UCDB\PPG-Psi – anitabernardes1909@gmail.com

Giovanna Liz Oliveira Mantovani – UCDB\CAPES – gi_mantovani07@hotmail.com

José Francisco Sarmiento Nogueira – UCDB\NEPPI – josefsarmiento@gmail.com

RESUMO

Este artigo discute sobre metodologia em pesquisa a partir de uma investigação sobre formas de ocupar a cidade de Campo Grande\MS. Para isto, parte-se do campo de estudos pós-coloniais\decoloniais com objetivo de pensar a construção de ferramentas metodológicas situadas. O Teatro de Rua, em sua forma de intervir\ocupar\ viver a cidade expressa pelo coletivo Imaginário Maracangalha, é tomado como estratégia metodológica para percorrer espaços urbanos através da cartografia. As trajetórias realizadas permitiram acompanhar práticas contestatórias que tensionam modos instituídos de experimentar a cidade, como as batalhas de poesia realizadas pelo Slam Camélias. Através de práticas poéticas no centro antigo da cidade, este slam busca denunciar\ falar\ abordar problemáticas cotidianas que marcam a vida das mulheres, criando um espaço de fala e expressão para o corpo feminino e com isto, produzindo outra relação corpo\ cidade. Este texto afirma que pensar a cidade em uma perspectiva decolonial permite incorporar práticas\ saberes produzidos pela própria cidade como estratégia metodológica para investigá-la. Portanto, aposta-se em uma produção de conhecimento localizada, a fim de romper colonialidades epistemológicas, tendo em vista a relação imanente entre pesquisa e política.

PALAVRAS-CHAVES: Decolonial; Metodologia; Pesquisa.

ABSTRACT

This paper discusses about research methodology, considering an investigation regarding ways of occupy Campo Grande\MS city. For that, we based on the post-colonial\decolonial studies field to consider the construction of situated methodological tools. The Street Theater in its mode of intervene\occupy\live the city, such as expressed by the collective ImaginárioMaracangalha, has been taken as a methodological strategy for traversing urban spaces through cartography. The trajectories accompanied allowed to consider some contesting practices that produce tensions on instituted forms of experience the city, such as the poetry battles performed by Slam Camélias. Through poetic practices in the old city center, this slam seeks to denounce\approach problems that brand womens lives, creating space for speech and expression of the woman body, with this, new relations between body\city are produced. This text affirms that think over the city with the decolonial perspective allows incorporating practices\knowledges produced by the city itself as a methodological strategy to investigate it. Therefore, we focus on a localized production of knowledge, aiming to rupture epistemological colonialities, considering the immanent relation between research and politics.

KEY-WORDS: Decolonial; Methodology; Research.



INTRODUÇÃO: COLONIALIDADE E FORMAS DE PRODUZIR CONHECIMENTO

Este texto tem por objetivo discutir aspectos metodológicos relacionados a uma pesquisa em Psicologia, que pretende investigar formas de ocupação da cidade de Campo Grande, considerando diferentes modos de expressão e vida na cidade. Inspira-se na filosofia africana, a partir do contato com autores\as cuja produções se situam no campo dos estudos pós-coloniais/decoloniais. Este campo se configura como movimento epistêmico, político e intelectual comprometido com a problematização e reconfiguração de narrativas históricas coloniais e de relações coloniais, sobretudo no âmbito da produção de conhecimento (LEDA, 2015). Para pensar o presente percurso de pesquisa, o texto inicia problematizando formas de produção de conhecimento no mundo ocidental pela hegemonia da Ciência Moderna, posteriormente, apresenta uma proposta metodológica situada, considerando o encontro com o Teatro de Rua e sua forma de experienciar a cidade. Após, focaliza-se na prática de Slam¹ poesia realizada pelo Slam Camélias no centro antigo da cidade, o que permitiu discutir sobre oralidade e ancestralidade a partir de algumas sensibilidades produzidas pelo contato com a filosofia africana.

Considera-se importante definir brevemente a diferença entre *colonialismo* e *colonialidade*. O primeiro se refere à relação de dominação política, social, cultural dos\os europeus\européias sobre territórios conquistados em diferentes continentes. Já o segundo se refere ao modo como, na atualidade, efeitos do colonialismo permanecem em diferentes dimensões da vida: política, econômica, subjetiva e cultural, ou seja, a colonialidade é um dos efeitos do colonialismo, conforme explica Quijano (2005). Por isto, uma postura decolonial/pós-colonial tem por objetivo reagir aos efeitos da colonialidade no presente incluindo, inclusive, os procedimentos metodológicos que marcam os modos de pesquisar. No mundo ocidental, a relação possível de ser estabelecida com os processos de conhecimento é

¹ Os Slams são batalhas de performances poéticas, em que os slammers têm geralmente três minutos para recitar sua poesia e são avaliados por jurados compostos pela plateia presente no dia, com notas de 0 a 10. Costumam acontecer em espaços públicos, como praças. A nomenclatura é inglesa, foi dada por um trabalhador da construção civil, Marc Smith, para denominar um evento poético, em 1984, na cidade de Chicago. As batalhas se popularizaram no Brasil nos anos 2000 e têm dez etapas ao longo do ano, contemplando o Campeonato Nacional de Slams (Br) e a Copa do Mundo de Poesia Falada, que acontece anualmente na França, em Paris. Conforme alguns autores (D'ALVA, 2014; MINCHILLO, 2016; NEVES, 2017), os Slams se tornaram mais do que uma batalha de poesia, mas um movimento social, político, artístico, que se expandiu pelo mundo ocidental nos últimos 25 anos, tornando-se espaço para abordar questões\problemáticas atuais em forma de entretenimento.



marcada por lógicas coloniais que afetam as maneiras de aprender, reconhecer, produzir e reproduzir saberes.

Na esteira do pensamento moderno, sob o imperativo da legitimidade do saber científico, diferentes estratégias de epistemicídio se compuseram, culminando em processos de invisibilização das epistemologias não ocidentais e não brancas, bem como na subalternização e sub-intelectualização de populações, como povos indígenas do continente americano, aborígenes na Ásia, africanos\as e mulheres produtoras de conhecimento (GROSFOGUEL, 2016; MACHADO, 2014). Este cenário constitutivo do paradigma moderno provocou efeitos, engendrando subjetividades coloniais, na medida em que implicou fabricação de epistemologias e ontologias que oferecem condições para pensar a si e aos\as outros\as se apoiando em referentes universais, essencializados e eurocêntricos. Esse agenciamento coletivo condiciona posicionamentos epistemológicos, como escolhas teóricas, metodológicas e conceituais, portanto, escolhas políticas.

Com isso, as pesquisas sobre diferentes coletividades, com seus distintos pressupostos culturais para pensar a si e o conhecimento, acabam construindo interpretações pautadas em teorias, conceitos, categorias de análise que não respondem aos modos de subjetivação destes grupos, ao modo como vivem, relacionam-se e pensam. Traçar conclusões que desconsiderem saberes historicamente subalternizados e que se apóiam em modelos cristalizados para entender o mundo é possível em decorrência de agenciamentos de poder que, fundadas em uma geopolítica epistemológica, organiza a produção de conhecimento e as estratégias de gestão da vida. A ideia de que a filosofia e a ciência não têm geografia produzem efeitos de universalização de conhecimentos situados no Ocidente (MACHADO, 2014). A colonialidade é esse regime de poder que apoiado na ideia de progresso, impõe padrões epistemológicos, morais e políticos sobre diferentes povos, objetivando expandir os Estados-Nação por meio da criação de identidades hegemônicas legitimadas, como a europeia e posteriormente a estadunidense (GROSFOGUEL, 2016). O pressuposto moderno de “civilizar” e “humanizar” populações por meio do conhecimento e progresso implicam posturas coloniais, as quais desconsideram o outro em sua diferença e singularidade.



Destaca-se que no campo da pesquisa científica isso não significa propor que o/a pesquisador/a não possua determinados pressupostos teóricos, pelo contrário, entende-se que a condição para o pensamento é justamente um plano de compreensões teóricas, sensíveis e afetivas que o/a pesquisador/a habita, portanto, é sempre uma perspectiva situada. Entretanto, a relação que se estabelece com este plano de compreensão e com o plano da realidade (mundo empírico), deve ser problematizada a fim de romper com colonialidades epistemológicas. Para Machado (2014), reconhecer a diversidade sem negar as diferenças culturais é uma postura comprometida com a decolonização das formas filosóficas e científicas de pensar o mundo. Entende-se, portanto, que um desafio ético-político-epistemológico comprometido com a decolonização da produção de conhecimento está na relação que estabelecemos entre nossos referentes teóricos/metodológicos e a realidade pesquisada.

1. TEATRO DE RUA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Diante do exposto, um elemento central a ser colocado em análise no percurso investigativo é o método, ou seja, as estratégias utilizadas para produção de conhecimento. Com a emergência da Ciência Moderna, o método foi marcado por noções de universalidade, questão/resposta, cognição e ideias justas (DELEUZE & PARNET, 1998). A filosofia e a ciência construíram um *modus operandi* apoiado em hierarquias e categorias binárias: ser/não ser, racional/irracional, verdadeiro/falso, mente/corpo, tributárias do pensamento platônico e aristotélico grego, atualizados na tradição construída pelo pensamento moderno. Esta epistemologia produziu um modelo de ciência por meio do qual é legítimo aplicar, em diferentes localidades, métodos utilizados para pensar problemáticas previamente pensadas no eixo Europa-Estados Unidos, ao invés de construir metodologias conectadas aos problemas locais. Produz-se, assim, formas de subserviência colonial aos instrumentos e métodos adotados nos países “colonizadores” (NASCIMENTO & BOTELHO, 2010; CARNEIRO, 2005).

O método se torna uma forma de exercício do poder, na medida em que se exige determinada forma de articulação dos conhecimentos para validá-lo e, essa forma está fundada em uma geopolítica (NASCIMENTO & BOTELHO, 2010). Diferentes perspectivas



já vieram apontando outras formas de produzir ciência, como as apoiadas no pensamento nietzschiano, que ao retomar a filosofia pré-socrática entendem que o conhecimento é atravessado por conflitos, afetos, lutas e jogos de força, conforme explicam Scisleski e Hüning (2016).

Além disso, as discussões realizadas por autores/as decoloniais podem ser incorporadas na construção de ferramentas metodológicas a partir da cartografia, metodologia formulada por Deleuze e Guattari (1995), com a ideia de Rizoma proposta pelos autores. Na presente pesquisa em curso, esta perspectiva cartográfica é um disparador do processo de investigação, que permite traçar algumas coordenadas conceituais, mas também desvios necessários quando se encontra com autores/as de estudos decoloniais. Esses encontros tornam possível a construção de procedimentos metodológicos durante o próprio percurso de investigação, dependendo do território existencial habitado enquanto campo de análise. No presente caso, a pesquisa que está sendo construída objetiva pensar formas de ocupação da cidade pela diferença. Considera-se, assim, distintas estratégias de habitação do espaço urbano, mais especificamente, experiências de ocupação do centro antigo da cidade de Campo Grande, as quais são tomadas tanto como novas modalidades de subjetivação, quanto como estratégia metodológica para a compreensão dessas mesmas modalidades.

2. PERCURSOS NA CIDADE: CORPOGRAFIAS COM O TEATRO DE RUA

Pensar sobre a cidade permite considerar o que a própria cidade produz para guiar as investigações a seu respeito, assim, procedimentos e estratégias de pesquisa podem se engendrar na relação com o próprio campo de investigação e com os diferentes elementos que o habitam. No presente percurso, a pesquisa se encontra com o Teatro de Rua em sua forma de experimentar, viver e reivindicar a cidade. Esse encontro permite incorporar arranjos produzidos pelo Teatro de Rua como estratégia para seguir rastros no espaço urbano.

O grupo de teatro Imaginário Maracangalha apareceu em diferentes momentos durante os percursos cartográficos pelo território do centro antigo da cidade. Um dos encontros se deu na exibição de estreia de um documentário sobre o Condomínio Terminal do Oeste, conhecido como Antiga Rodoviária, cujo o entorno do prédio é ocupado por moradores/as de rua e usuários de droga. O Imaginário Maracangalha, por meio de cenas teatrais, cortejos e



ocupação de ruas e praças públicas reivindica o direito à arte e à cidade, apostando em espaços abandonados e vidas precárias. Outro encontro se deu durante intervenção dramaturgica inspirada no poema “O Operário em Construção”, de Vinícius de Moraes. Tal intervenção se deu na Praça Ary Coelho, localizada na avenida principal da cidade e geralmente habitada por trabalhadores\as e consumidores\as do centro comercial e, naquela época também por trabalhadores\as de uma grande obra de revitalização em rua comercial central.

Outros encontros se deram na feira livre da Orla Morena e em trechos da Orla Ferroviária. Nessa última, o grupo tem articulado relações com o Vagão Larica’s da Lu. Esse vagão funciona como comércio e espaço artístico e cultural da cidade, no qual ocorrem eventos artísticos, batalhas de slam poesia, rodas de conversa sobre diferentes temáticas como feminismo, racismo, LGBTQfobia etc. É habitado por diferentes corpos, como moradores\as de rua que vivem no entorno, artistas, integrantes de movimentos sociais, universitários\as etc. Geograficamente, esses espaços percorridos neste itinerário de pesquisa se situam próximos, entre o bairro Amambai, considerado o mais antigo da cidade, e o bairro Centro.

Tais trajetos permitiram considerar a modalidade artística produzida pelo Teatro de Rua como modo de ocupar essa região antiga, comercial e marcada por transformações da cidade. Pesquisar sobre este território existencial urbano seguindo os rastros do Teatro de Rua se tornou estratégia metodológica para investigar os arranjos na ocupação do espaço urbano. Conforme um dos integrantes do grupo explicou em evento referente aos 13 anos de existência do Imaginário Maracangalha, a estratégia dramaturgica engendrada pelo grupo considera o mundo de elementos vivos e não vivos que existem na cidade, *o trabalhador, o pedestre, o banco, a árvore, o vento*. Com isto, o cenário é a própria cidade e seus movimentos, como também explica a artista de rua Fabião (2017), para quem as ações performativas na cidade se referem a uma espécie de programa preparado previamente, mas já considerando que poderá ser transformado em ato, continuamente. Essa postura considera a relação entre cidade e corpo.

Britto e Jacques (2009) pensam a relação entre corpo e espaço urbano, entendendo que se produzem mutuamente e nesta articulação corpo\cidade marcas são produzidas,



inscrevendo-se como grafias da cidade no corpo. Esta produção de corporeidade na relação com trajetos, contatos e experiências da cidade são as corpografias urbanas. É importante destacar que as autoras investigam esta relação corpo\cidade a partir da compreensão de que a organização das cidades contemporâneas tem sido marcada pela privatização e espetacularização, instituindo formas homogêneas de transitar e se relacionar com a cidade (JACQUES, 2008; BRITTO & JACQUES, 2009). Em meio a esses processos, as corpografias de grupos como o de Teatro de Rua produzem movimentos errantes (JACQUES, 2012) na cidade, pois contestam usos instituídos ao espaço, apropriando-se do espaço público para além de um simples cenário. Assim, corpos errantes\artísticos\desviantes atualizam usos do espaço por meio de improvisos, apropriações, com isso, as articulações entre corpo e cidade funcionam como práticas de contestação e liberdade. Essas corpografias podem ser acompanhadas por meio da cartografia. Nesta pesquisa se considera os rastros e grafias que o Teatro de Rua produz na cidade através das intervenções e ocupações artísticas e políticas.

Na estratégia do Teatro de Rua existe uma produção do\a artista sobre si, como um motor para ação, mas que se torna possível apenas na relação com a realidade, no encontro com as pessoas, as ruas, o clima etc. É por esta razão que ações teatrais de rua muitas vezes não antecedem avisos prévios, funcionando como uma arte do dia-a-dia, mais do que uma arte do espetáculo. Essa última é considerada hegemônica no campo da dramaturgia (SCHIAVO, 2014), em detrimento de ações artísticas comprometidas com ações políticas e que tomam o público como integrante de suas cenas. O Teatro de Rua aposta em uma arte situada e conectada, necessariamente, com a realidade. Então, seguir os rastros do grupo de Teatro de Rua que habita a cidade de Campo Grande é uma estratégia metodológica comprometida com a construção de uma pesquisa situada e localizada. Com isto, é possível engendrar um procedimento metodológico que não se descola de seu lugar de fala, de sua origem, ou seja, das condições empíricas que permitem certos percursos ao pensamento (MACHADO, 2014).

É neste sentido que Noguera problematiza produções coloniais de conhecimento acerca dos\as africanos\as, entendendo que “a África deve ser lida a partir de suas próprias perspectivas” (2016: 63), ou seja, o autor considera que o conhecimento produzido sobre determinado território existencial deve tomá-lo como ponto de partida, com suas experiências,



cultura, estratégias e subjetividades, ao invés de partir de universais construídos pela perspectiva de grupos privilegiados historicamente, cuja as formas de viver são instituídas como hegemônicas. Isto implica uma postura comprometida com a produção de pesquisas conectadas à realidade em que se encontram, pois tal como explica Machado (2014: 05) “o conhecimento é um acontecimento empírico”. Dentro dessa lógica, regras metodológicas apriorísticas não são capazes de responder às singularidades do território pesquisado. Utilizá-las de forma aplicável sem considerar as singularidades locais é uma maneira de produzir saberes coloniais acerca do mundo, com base em justificativas apoiadas na colonialidade do saber (QUIJANO, 2005), com regras e métodos selecionados a priori que já possuem legitimidade nas sociedades ocidentais modernas.

A partir da filosofia africana (GYEKYE, 2002; NASCIMENTO & BOTELHO, 2010) é possível entender que normas, conceitos e regras impostas de antemão fragilizam a dimensão coletiva da produção de conhecimento, que está em movimento constante e por isto é imprevisível, no sentido de uma imprevisibilidade aberta às reconfigurações coletivas. Nesta direção que Machado (2014) discute o princípio de *encantamento* presente da filosofia africana, entendendo-o como condição para modificações políticas e epistemológicas, ao passo em que o encantamento funciona como atitude diante do mundo, da vida.

O caráter situado e localizado da investigação científica deve atravessar todo processo de construção da pesquisa e as ferramentas metodológicas, enquanto arranjos para pensar o mundo, possíveis na relação entre teoria e realidade (BERNARDES et al., 2016), podem funcionar também por uma relação de encantamento com as formas de conhecer o mundo, em sua diferença e coletividade. Isso alarga e potencializa a capacidade de construir um olhar descolonizador para o território em questão, pois conforme explica Machado (2014), o olhar encantado é possível apenas quando se constrói na relação com formas culturais situadas, construídas coletivamente. Tal noção permite considerar que estratégias para conhecer o mundo devem se orientar por aquilo que se produz enquanto forma de habitar o próprio mundo.

É importante notar que a proposta da filosofia africana exige outra relação com a ideia de conhecimento, tradicionalmente associada ao “eu” sensível e dotado de faculdades



cognoscentes pela tradição da ciência moderna. Essa perspectiva individualiza o saber na medida em que o atribui a pessoa representada pela figura do “eu”. Tal individualização do conhecimento não faz propriamente sentido quando consideramos a noção de pessoa para a filosofia africana, explicitada por Hampaté Bâ (1981), que entende a pessoa como multiplicidade habitada por seres, estados e mundos exteriores, necessariamente conectada ao cosmos, à natureza e ao outro. Tem-se outra concepção ontológica do humano, não como aquele que se subjetiva por um “eu” interiorizado, mas como ser híbrido em inter-relação com o universo, o que influencia concepções epistemológicas acerca da forma como se conhece e se habita o mundo. Portanto, acompanhar itinerários na cidade permite seguir os arranjos que corpos fazem com os diferentes elementos que compõem a cidade, não partindo de um “eu interiorizado”, mas de formas de conexões, interações, extensões.

Em relação à essa pesquisa, foi através de acontecimentos coletivos no cotidiano que emergiu a possibilidade de pensar o campo de análise se apoiando na lógica de funcionamento do Teatro de Rua. Tal modalidade artística pressupõe uma experiência corporal da cidade, comprometida com a realidade e, ao mesmo tempo dramática e ficcional. As experiências corporais na cidade se produzem por meio de desvios, errâncias, dissensos e pluralidades em relação aos modos hegemônicos de viver a cidade, funcionando como corpografias (JACQUES, 2008). Nisto, a arte pode ser reconhecida como locus de experiência, ao passo em que produz percepções espaço-temporais outras, novos sentidos que se inscrevem na memória do tempo, em diferentes escalas temporais. A articulação entre arte e urbanismo permite considerar a produção de corpografias que escapem ao urbano espetacularizado e produzam experiências corporais em espaços desencarnados (BRITTO & JACQUES, 2009). Em espaços cotidianos de Campo Grande tem sido possível acompanhar corpografias relacionadas às intervenções em modos hegemônicos de viver a cidade no presente.

Para esta pesquisa, passou-se algum tempo frequentando espaços no centro antigo de Campo Grande, como a Antiga Rodoviária, o Vagão Larica's da Lu, a Orla Ferroviária e de forma mais descontínua alguns eventos que aconteciam no centro antigo da cidade, relacionados às formas de ocupação. O tempo que se frequentou os locais variou de acordo com a relação estabelecida com eles em termos de afetos, sensibilidades teóricas e conceituais



com a realidade, bem como a maneira como eventos do cotidiano puderam ser tomados como acontecimentos a serem pensados. Nesta direção, a experiência do corpo se torna elemento constitutivo do percurso de pesquisa e das análises sobre formas de ocupar a cidade.

Portanto, está em questão uma corpografia pelo espaço urbano (BRITTO & JACQUES, 2009), incorporando pressupostos do Teatro de Rua como ferramenta para guiar trajetórias e posturas, o que possibilita uma experiência também sensorial e afetiva com o território, a partir de uma *cosmopercepção* (OYĚWÙMÍ, 2018). Nesse sentido, a filosofia africana inspira a considerar uma cosmopercepção, em que a visão não é órgão privilegiado dos sentidos. Diferentes dimensões sensoriais também contam como forma de perceber o território existencial percorrido, para além da cosmovisão moderna que se deu pela lógica de comprovação e com isto, elegeu a visão como elemento central nos processos de conhecimento.

3. SLAM CAMÉLIAS: ORALIDADE, ANCESTRALIDADE E FORMAS DE REIVINDICAR A CIDADE

A partir do contato com a filosofia africana e dos itinerários com o Imaginário Maracangalha, novas sensibilidades puderam ser constituídas para compreender processos de subjetivação relacionados a outros modos de ocupar a cidade. Pelo Maracangalha chegou-se às batalhas de slam do Slam Camélias no vagão Larica's da Lu, localizado na Orla Ferroviária. Em uma travessa, esquina com a Avenida principal da cidade, o espaço tem emergido como político e cultural na cidade, sendo habitado por diferentes pessoas e grupos sociais, como moradores\as de rua que vivem no entorno, artistas de rua, universitários\as, comerciantes, LGBTQs, negros\as, mulheres, etc. Uma de suas características é receber diferentes expressões artísticas, relacionadas à música, teatro e poesia e ser aberto para rodas de conversa e encontros de movimentos sociais, categorias profissionais e para debates de temáticas específicas, como feminicídio, preconceito em relação à população LGBTQ, racismo etc. Além disto, semanalmente realiza um sarau com microfone *aberto para todo tipo de intervenção artística*. O Slam Camélias é um dos grupos que habita esse território através de batalhas de poesia entre mulheres, tendo por objetivo:



[...] agregar e incentivar meninas e mulheres a se expressarem através da poesia. Com uma cena em ascensão na cidade de Campo Grande, as batalhas de poesias têm sido muito importantes para o fortalecimento principalmente da juventude, que também usa desta ferramenta para se manifestar e se posicionar politicamente. A batalha de poesias pensada por e para mulheres tem a intenção de proporcionar um espaço de fala livre de julgamentos, em que mulheres batalhem entre si, troquem experiências e se sintam seguras e confiantes tendo voz, depois de todo o atraso resultante dessa história machista silenciadora (SLAM CAMÉLIAS, 2019).

A partir da filosofia africana, alguns elementos do Slam Camélias puderam ser pensados, considerando uma perspectiva decolonial e estratégias cotidianas e locais para lidar com formas de colonização, subalternização e silenciamentos sobre as mulheres. Isto considerando a experiência de ser mulher no mundo ocidental moderno, em que as hierarquias sociais tomam como base a classificação dos corpos pelo gênero, a partir do dimorfismo anatomossexual percebido no corpo humano (OYĚWŪMÍ, 2018). Essa objetivação da mulher no Ocidente produz efeitos na forma como o corpo feminino habita a cidade, bem como, os itinerários que realiza, o horário do dia em que circula por determinadas ruas etc. Questionar e interrogar subalternizações que produzem subjetividades no presente é uma maneira de contestar a própria organização do espaço urbano e as condições para viver a cidade. Além disto, a cidade deixa de ser mero cenário para seus habitantes na medida em que é apropriada e praticada (BRITTO & JACQUES, 2009). Este Slam se torna intervenção no urbano, contestando lógicas homogeneizadoras do espaço, afetando possíveis relações daqueles que entram em contato com uma cidade em que há movimentos de reivindicação política, social e artística, permitindo aberturas às pluralidades e diferenças. Com isto, estes jogos de força na cidade produzem tensões com formas de governo da vida.

Um elemento que se destacou como experiência no Slam Camélias foi a ancestralidade. A ancestralidade, elemento central na filosofia africana, conforme explica Machado (2014), diz respeito a uma postura de consideração do\a outro\ a e da comunidade na construção da cultura, entendendo que a cultura é o próprio movimento da ancestralidade. É forma de habitar o mundo, transmitir conhecimentos e experiências vividas, que se efetuam através da oralidade. Assim, o pensamento tem relação com o princípio da ancestralidade e da oralidade na filosofia africana, ambos engajados com construções coletivas. Em certa medida, essa dimensão, da ancestralidade, tem sido reivindicada nas experiências de ocupação do centro



antigo de Campo Grande através da própria oralidade como forma de produzir arte e ação política, como quando Luciana, do Slam Camélias recita:²

Não aceite a herança colonial.
Inspire-se em sua herança ancestral
Dos amordaçados que fizeram barulho
Nos punhos cerados que recuperaram o orgulho

Também no breve “*conto da castanha*”, em que Liili Black traz a história de sua avó, que trabalhava colhendo e secando castanhas no Piauí. Para Liili, o conto é uma forma de visibilizar as “*mulheres invisíveis*”, como sua avó, que possuem saberes não fotografados pela escrita. E também através da poesia “*Cria de mim*” de Thai Sangalli, em que o eu-lírico se reivindica como “*ancestral urbana*”:

Vinda de outras mulheres
mulher que tem fê
E coleciona saberes
Se origina das raízes
E por elas resiste

Através das poesias do Slam Camélias, há aposta no fortalecimento de memórias ancestrais para construção de narrativas políticas comprometidas com a realidade, sobretudo de ser mulher em nosso país. A ancestralidade se atualiza na comunidade e através daquilo que se produz coletivamente naquele tempo-espço. Esse Slam busca criar um espaço de fala e expressão para mulheres, considerando processos históricos de subalternização da voz feminina. É nesta esteira que Péret (2018) pensa o lugar da mulher negra, periférica, indígena, lésbica e latino-americana na produção de escrita, arte e conhecimento, discutindo a forma como se deram processos de subalternização da literatura e da arte produzida por estas mulheres. Rocha (2014) também discute o processo de invisibilização das mulheres negras enquanto produtoras de conhecimento. Portanto, historicamente, estratégias coloniais de

²As poesias citadas neste texto foram recitadas em batalhas do Slam Camélias que aconteceram em 2019 no Vagão da Lu e se encontram em livreto independente elaborado pelas integrantes do grupo Slam Camélias.



relação com a mulher condicionaram formas de epistemicídio³, fragilizando a possibilidade de circulação e reconhecimento dos saberes e da literatura produzida por estas mulheres.

O encontro com estas produções subalternizadas e não hegemônicas em nosso cotidiano foi possível justamente pela estratégia metodológica de seguir os rastros do grupo Imaginário Maracangalha e habitar territórios existenciais, considerando aquilo que eles produzem como modalidade de ocupação da cidade, por meio de uma cartografia por experiências corpográficas desviantes na cidade. Para operacionalizar esta cartografia, seguiu-se as corpografias artísticas do Maracangalha em diferentes pontos da cidade, com ênfase no centro antigo de Campo Grande. Mas, além disto, também se adotou postura de atenção à relação do Maracangalha com outros movimentos e coletivos da cidade, atentando-se às divulgações de eventos nas redes sociais do coletivo; aos eventos artísticos e não artísticos realizados pelo grupo que contemplassem alianças com outros movimentos sociais e artísticos da cidade; bem como, outros arranjos que permitissem visualizar a articulação deste grupo com outros espaços e coletivos na cidade, acompanhando-os, seguindo rastros.

A partir das articulações que o Imaginário Maracangalha produziu com o espaço do Vagão da Lu, de reivindicação do espaço como político\cultural\artístico na cidade, passou-se a habitar o Vagão como estratégia metodológica, pousando a atenção naquilo que ele produz como forma de intervenção na cidade. Habitando este território existencial, encontrou-se com Slam Camélias, cujo as batalhas costumam acontecer no Vagão. O contato com o Slam permitiu ao pensamento seguir novos itinerários. Deste modo, os encontros com o Imaginário Maracangalha e com as práticas do Slam Camélias delinearão mapas de circulação poética, artística e política a ser percorrido pela pesquisa.

Destaca-se que nestes percursos não se orienta por pressupostos teóricos tomados a priori, mas justamente pelas percepções, vozes e relações que são produzidas como

³ Boaventura de Souza Santos (2009) utiliza o conceito de epistemicídio em suas análises sobre estruturas epistemológicas hegemônicas, cuja normativas assentadas em um pensamento abissal desconsideram saberes locais e contra hegemônicos. O termo epistemicídio se refere aos processos de subalternização e invisibilização de conhecimentos, sobretudo do que o autor chama de Epistemologias do Sul (tanto produzidas ao Sul global, quanto em territórios do Norte global por grupos específicos e subalternizados (mulheres, trabalhadores, afrodescendentes, etc). Estes processos funcionam como uma espécie de genocídio epistemológico e tem como efeito a exclusão epistemológica, culminando em um processo de perda de auto-referência e sub-intelectualização de populações. Destaca-se que o termo é relembado e utilizado por autores como Ramón Grosfoguel (2016) e Suely Carneiro (2005).



modalidade de ocupação da cidade, estabelecendo relações entre método, teoria e realidade. Esta aposta metodológica permite investigar o que a cidade produz. Na relação entre corpo e cidade, pesquisadora\cidade, produzem-se caminhos corpográficos tramados pelos encontros e afetações com aqueles que produzem a própria cidade, bem como, suas errâncias e desvios. Portanto, os rastros do Maracangalha permitiram o encontro com o Slam Camélias e suas práticas poéticas contestatórias que buscam anunciar problemáticas cotidianas que afetam a vida das mulheres em nossa sociedade.

Este Slam busca tensionar colonizações epistêmicas e ontológicas do corpo feminino, que produzem subjetividades, conforme explica Kilomba (2015) ao escrever que já sentiu incapaz de produzir escrita, poesia e literatura, devido aos discursos sobre o corpo da mulher negra, limitando-as à objeto de desejo sexual e à serviço do trabalho doméstico. Com objetivo de reafirmar a soberania do pensamento eurocêntrico, o conhecimento foi atribuído à figura do/a colonizador/a, representado pela matriz corpórea branco-masculino-heterossexual. Nesse sentido, as colonialidades produzem efeito na forma como estas mulheres se relacionam com a produção de saber e arte. A construção de novas narrativas, comprometidas com a reconfiguração de memórias forjadas pela violência colonial, é uma maneira de reagir às perspectivas colonizadoras acerca de suas possibilidades de vida. Parte das meninas deste Slam saem das periferias da cidade para recitar poesia no centro da cidade, o que também faz parte de um movimento nacional da ascensão dos Slams Poesia em que a população considerada subalterna narra suas histórias, a partir de sua perspectiva.

O contato com o Imaginário Maracangalha produziu sensibilidades para perceber estes modos de ocupar a cidade que trazem elementos subalternizados e indicam outras modalidades de experiência, ou seja, permite seguir o que diferentes grupos têm produzido na cidade, com suas contestações e práticas de liberdade. A presente postura metodológica possibilita considerar interrogações que estas vozes/expressões lançam aos saberes legitimados, considerando o que elas têm a nos dizer, expandindo formas de percepção do mundo. Tal como o Teatro de Rua adota uma postura de reconhecimento das singularidades dos territórios urbanos nos quais intervém de forma mais ou menos transitória, utilizando-as na sua produção artística, a pesquisa também pode se inspirar nesta postura, reconhecendo



aquilo que diferentes grupos e pessoas produzem na cidade, para além de buscar traduzi-los/as e interpretá-los/as exclusivamente a partir de grades de inteligibilidade instituídas pelo saber ocidental moderno.

No Slam Camélias se percebe uma arte do cotidiano, que intervém no presente na medida em que contesta formas de governo da vida. Por meio de gestos, linguagens, performances, corpografias, denuncia-se problemáticas cotidianas, questiona-se modos de subalternização que marcam o corpo feminino, com suas intersecções de raça e classe⁴. Neste sentido, estas experiências escapam à espetacularização do espaço urbano, tensionando a lógica da cidade silenciada, homogeneizada e pacificada para o consumo, produzindo disputas e novos usos ao espaço. Estas contestações fazem circular outros discursos e formas de habitar a cidade, incitando outras experiências corpográficas. No artigo de Minchillo (2016), o autor traz diferentes poesias de jovens participantes de Slams, que brincam com a ideia de produzir literatura marginal à margem dos modelos instituídos de produção literária poética. Assim como o Slam Camélias estas produções têm se dado coletivamente e, podem partir de qualquer um:

Para competir no slam, a pessoa não precisa ter livro
Publicado, ser rapper, ser artista, nada.
Vale para donas de casa, taxistas, vendedores, etc. No sarau também,
Claro. Existe algo de: todos podemos fazer poesia. Todos
Podemos usar a palavra para nos manifestarmos (BALBINO, 2016).

A poesia se torna estratégia de ocupação da cidade e de reivindicação de uma posição política, capaz de afetar também o mundo em que essas mulheres vivem, na medida em que se

⁴ É válido destacar que ao criticar o movimento de mulheres que emergiu nos Estados Unidos durante os anos 1960 e 1970, Angela Davis fala que, por ser composto por mulheres brancas e de classe média, em sua maioria, o movimento invisibilizou a condição de vida das mulheres pertencentes as minorias, pois denunciava apenas os efeitos de uma opressão relacionada ao gênero. Desta forma, elementos como raça e classe foram negligenciados, assim como a importante luta de mulheres negras contra o racismo e a favor de direitos para as mulheres. Davis (2017) propõe então um modelo ilustrativo para pensar as condições de vida de mulheres afro-americanas. A partir de uma pirâmide, na qual mulheres ocupam posições divididas horizontalmente de acordo com sua classe e raça, a autora situa as mulheres brancas e burguesas no topo. As mulheres negras, pobres ou de minorias étnicas, por sua vez, estão situadas na base da pirâmide. Quando há conquistas para as mulheres que estão no ponto mais alto, dificilmente a condição de outras mulheres é modificada. Entretanto, se as mulheres pertencentes a base dessa pirâmide conquistam direitos, toda estrutura se altera. Tendo em vista essa consideração, a autora enfatiza a necessidade de o movimento de mulheres dar importância aos elementos de gênero, classe e raça em suas análises, a partir de suas intersecções e interconexões. Ou seja, usar esses elementos como ferramentas articuladas para denunciar as problemáticas que atingem as mulheres e produzem diferentes condições de vulnerabilidade, desigualdade e opressão.



coletivizam saberes, experiências e expressões (MACHADO, 2014). Além disto, por meio do caráter falado da poesia há outra relação com a métrica, estrofe e rima, já que não se segue regras da poesia clássica, o que torna possível a todos participar, conforme foi explicado por uma slammer de Campo Grande em noite de batalha de poesia. No Vagão, é evidente a forma como música, escrita, teatro de rua e expressões artísticas são tomadas como instrumentos de reivindicação narrativa e artística dos coletivos, como traz o verso recitado em público:

Eu sinto
Você sente
A rua inteira sente com a gente
É que asfalto é palco, olha o tanto de artista!

Em relação às formas de expressão através da palavra oral, considera-se que a hegemonia da visão nos processos de conhecer foi responsável também por consolidar o privilégio da escrita sobre a oralidade, o que se deu na esteira de um discurso colonial de que a escrita alfabética se ligava à história oficial, que conforme discute Rocha (2014), responsável por narrativas excludentes e comprometidas com a subalternização dos países colonizados. Nestas experiências de ocupação da cidade, há uma dimensão do ritmo das frases, da impositação vocal, da performance, que não encontram tradução na escrita, portanto, são corpografias. O cenário, efeitos sonoros, músicas e outras sensibilidades não são incorporadas pela tradição escrita, sobretudo na escrita considerada científica, que se apoiou na objetividade e neutralidade como estratégia de narrar o conhecimento.

Com isto, formas de saber e populações inteiras se viram à margem pela lógica da legitimidade do conhecimento no mundo ocidental moderno. É o caso da população indígena no Brasil, para a qual a leitura e escrita não passam de uma técnica, que possui a mesma dimensão de operar máquinas ou dirigir veículos. As lutas políticas, transmissão de memórias e coletivização de saberes se dão por outras vias para essa população, assim, a relação com a escrita não pode ser universalizável, conforme explica Krenak (1989), liderança indígena no país. Ainda que a escrita possa ser considerada a fotografia do saber (HAMPATÉ BÁ, 2010; KOPENAWA & ALBERT, 2015), ela não é o saber em si. Nesse sentido, apostar em outros canais de efetuação dos saberes se torna uma estratégia comprometida com diferentes formas de apreensão e produção do conhecimento.



Considerar estratégias que o Teatro de Rua utiliza para produzir arte na cidade como forma de percorrer territórios existenciais é uma aposta na produção de conhecimentos localizados, o que inclui as ferramentas metodológicas. Aqui, inspira-se naquilo que a própria realidade oferece como estratégia para pensar o mundo. Elementos do teatro, da arte, da poesia podem ser incorporadas na pesquisa não como alegoria ou objeto a ser analisado por um conjunto de teorias, conceitos e normas do qual se parte a priori, mas como sendo eles próprios aquilo que indica coordenadas, orienta percursos e permite perceber o mundo mediante seus arranjos situados. Esta é uma atitude decolonial, em contraponto à universalização de saberes hegemônicos e subalternização de diferenças, com isto em vista que foi possível incorporar atitudes do Teatro de Rua na relação com a cidade e seguir seus rastros para pesquisar.

Desta forma, quando puxamos saberes orais, empíricos e localizados para a escrita científica, coloca-se o desafio de fazer ecoar múltiplas vozes nas produções acadêmicas, evidenciando o caráter coletivo da ciência e do pensamento. Esta tensão é abordada na história contada por Mia Couto no livro *“um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”*, em que o menino Mariano deixa sua terra natal, Luar-do-Chão, para estudar na cidade e, quando retorna se vê em meio às tensões, uma delas relacionada à oralidade e escrita. Para trabalhar com estes elementos, o autor incorpora na escrita literária aspectos da oralidade, movimentando-a. No âmbito da pesquisa, o próprio campo de investigação se movimenta e reconfigura a partir daquilo com o que se encontra, bem como, das transformações ético-estéticas na atividade do/a pesquisador/a, que possibilitam incorporar a experiência do outro em sua singularidade e diferença, em termos de uma alteridade (MACHADO, 2014). Aproximar filosofia africana e experiências da poesia falada pelo Slam no centro antigo permite pensar formas cotidianas e coletivas de decolonizar a própria ocupação dos espaços urbanos através da instauração de territórios habitados por expressões artísticas e reivindicações políticas, seguindo itinerários que Teatro de Rua faz pela cidade e na cidade, na medida em que o Teatro de Rua não encena a cidade, mas intervém, contesta e a ocupa. A palavra oral tem sido reivindicada como instrumento de ação política, como recitou Bruna Garcia, do Slam Camélias:



Minhas rimas são de informação e também para denunciar
pra me calar vão ter que dá tiro na boca
Tipo o que fizeram com Marçal de Souza
Tenho sangue indígena, não é de bacana
Máximo respeito as guerreira domadora como dona damiana

São formas de denunciar problemáticas de uma época e construir outras narrativas, para além das hegemônicas, fundadas no jogo da alteridade branca, masculina, heteronormativa e colonial. Entretanto, essa forma-ocupação de habitar a cidade não é hegemônica e, em verdade, parece ser marcada por tensões que a colocam sob risco iminente, como afirmou Loren, em uma das noites de batalha do Slam Camélias, referindo-se a algumas estratégias de retirada desses grupos do centro da cidade:

Nós somos corpo político e estamos sofrendo perseguição nesse momento [...] O que está acontecendo aqui é uma política de privatização. O objetivo é privatizar os espaços dessa cidade. Engaiolar a Morada dos Baís, ponto turístico no meio de uma zona abandonada como essa. Querem enjaular. Querem engaiolar, como engaiolaram a praça Ary Coelho, como engaiolaram o Mercado Municipal, como engaiolaram a Feira Central. O próximo alvo é esse. Elitizar os espaços. Privatização dos espaços. Eles sabem que nós não somos meros participantes. O que está acontecendo é uma política de higienização dessa cidade [...].

Lógicas de privatização e higienização da cidade também são tributárias de uma racionalidade colonizadora dos espaços e das formas de experimentá-los. Na esteira do pensamento iluminista, constrói-se uma concepção de humanidade fundada na homogeneidade, em que os seres humanos seriam idênticos em sua essência. Essa lógica permitiu que as pessoas que integram determinados grupos (raciais, étnicos) fossem considerados um *Outro* e, nesta diferença ontológica passassem por uma desumanização. Para Mbembe (2018), o Estado moderno funciona para o mercado global, situando-se como espécie de empresa colonial, o que condiciona a gestão das cidades, sua forma de organização espacial. As formas de organização dos espaços urbanos contemporâneos têm produzido um movimento de espetacularização das cidades, conforme discutem Britto e Jacques (2009), a partir da noção de cidade-espetáculo de Guy Debord. As *cidade-shopping*, *cidade-cenário* são tributárias destas formas de espetacularização do urbano, que sob a lógica da produção de consumo se utilizam de estratégias comprometidas com a homogeneização da vida na cidade. Nesta lógica, a produção de sensações e percepções, como de medo, tornam-se dispositivos de



segregação e cerceamento do espaço urbano, produzindo grafias do medo (FERREIRA, 2011) que se articulam com a constituição de espaços privatizados, controlados. Isto fragiliza experiências corporais da cidade, errantes, artísticas, cidadãs. Institui-se uma pretensão de universalidade nas formas de viver a cidade, apoiada na lógica de mercado tributária dos processos históricos racistas e eurocêtricos, a partir da racionalidade colonial, assim, busca-se homogeneizar experiências e fazê-las funcionar em prol da lucratividade e à mercê do capital internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, trata-se de pensar os arranjos produzidos com a diferença a partir de certas trajetórias metodológicas situadas, que se dão na esteira de uma política de reconhecimento do outro em sua diferença, sem tomá-la como inferioridade, subalternidade, como aquilo que deve ser ocultado, mas como uma diferença passível de afetar e transformar o próprio território em que se vive. No que se refere à produção de conhecimento em uma perspectiva decolonial deve se considerar o esforço em assumir posturas que tragam os encontros com a realidade no mesmo patamar que o plano teórico e conceitual habitado, contrapondo-se a um olhar colonizador sobre o\o outro\o, bem como, às homogeneizações e interpretações fundadas em saberes a priori. Tal postura é tributária de uma concepção de progresso, em que há hierarquia entre o global e o local, em que o local deve se desenvolver ordeira e racionalmente para alcançar a hegemonia global.

O conhecimento científico se tornou um caminho legitimado do progresso (NASCIMENTO & BOTELHO, 2010). Entretanto, existem outros saberes, outras formas de reivindicar transformações coletivas e outras maneiras de expressão política que também podem contar nas formas de organização vida, como a partir das denúncias de Loren acerca da gestão do espaço urbano de Campo Grande, as reivindicações políticas contidas nas poesias do Slam Camélias e em produções artísticas de cenas na rua pelos grupos de Teatro. As manifestações indicam modalidades de ocupação da cidade, através de vozes/expressões de movimentos independentes que produzem o cotidiano através da construção de outros conexões para efetuar potências de habitação da cidade.



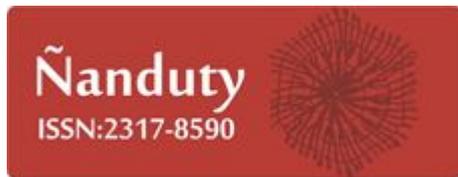
Nesse sentido, estratégias de ocupação podem se transversalizar com a própria forma de produzir conhecimento sobre estes movimentos, como quando o Teatro de Rua inspira a considerar posturas metodológicas para percorrer o campo-tema, tendo em vista sua forma de construção de cenas na relação com o mundo, realidade, diferença. Já os encontros com o Slam Camélias permitem pensá-lo como elemento do campo de análise que também provoca interrogações sobre as próprias formas de produzir saberes legitimados. Considerar aquilo que se produz no encontro com a realidade para construir estratégias de pesquisa é uma maneira de produzir conhecimento coletivo e situado no território existencial pesquisado, para além da importação de saberes prévios. Portanto, entende-se que discussões epistemológicas comprometidas com uma postura decolonial no campo da Psicologia fazem parte de um posicionamento ético-político com a produção de saberes abertos à diferença, alteridade e necessidades das diferentes populações.

REFERÊNCIAS

- BALBINO, Jéssica. 2016. *Os slams e como eles estão popularizando a poesia*. In: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia> (acessado em 12 de julho de 2019).
- BERNARDES, Anita et al. 2016. Problema de pesquisa como estratégia metodológica. In: FERREIRA, Marcelo; MORAES, Márcia (org.). *Políticas de pesquisa em Psicologia*. Rio de Janeiro, Nova Aliança.
- BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. 2009. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Cadernos PPG-AU*, Salvador, 7(edição especial):79-86.
- CARNEIRO, Sueli. 2005. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo.
- D'ALVA, Roberta. 2014. *Teatro hip-top: a performance poética do ator-MC*. São Paulo, Pers.
- DAVIS, Angela. 2017. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo, Boitempo.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. 1998. *Diálogos*. São Paulo, Escuta.
- FABIÃO, Eleonora. 2017. *Prêmio Pipa*. In: <http://www.premiopipa.com/pag/artistas/eleonora-fabiao/> (acessado em 13 de junho de 2019).
- FERREIRA, Marcelus. 2011. Corpo/cidade: uma corpografia do medo. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, 9(2):1-13.
- GROSFUGUEL, Ramón. 2016. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, 31(1):25-49.



- GYEKYE, Kwame. 2002. Person and Community in African thought. In: COETZEE, Peter; ROUX, Abraham. (org.) *The African Philosophy Reader*. Nova Iorque, Routledge: 297-312.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. 1981. A noção de pessoa na África Negra. In: DIETERLEN, Germaine (org.). *La notion de personne en Afrique Noire*. Paris, CNRS:181-192.
- _____. 2010. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (org.). *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. Brasília, UNESCO.
- JACQUES, Paola. 2008. Corpografias Urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, 7(8):1-14.
- _____. 2012. *Elogio aos errantes*. Salvador, Editora UFBA.
- KILOMBA, Grada. 2015. *White I Write*. In: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w> (acessado em 25 de junho de 2019).
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras.
- KRENAK, Ailton. 1989. Ailton Krenak – Receber sonhos (entrevista). *Teoria e Debate*. 7(1).
- LEDA, Manuela. 2015. Teorias pós-coloniais e decoloniais: para repensar a sociologia na modernidade. *Temáticas*. Campinas, 23(45):101-126.
- MACHADO, Adilbênia Freire. 2014. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, 3(1):1-20.
- MBEMBE, Achille. 2001. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, 23(1):171-209.
- _____. 2018. *Crítica da razão negra*. São Paulo, N-1 edições.
- MINCHILLO, Carlos. 2016. Poesia ao vivo: algumas implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, (49):127-151.
- NASCIMENTO, Wanderson; BOTELHO, Denise. 2010. O currículo de filosofia brasileiro entre discursos coloniais: a colonialidade e a educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, 14(2):66-89.
- NEVES, Chyntia. 2017. Slams – letramentos literários de reexistência ao mundo contemporâneo. *Linha D'água*, São Paulo, 30(2):92-112.
- NOGUERA, Renato. 2016. Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. *Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia*, (3):59-73.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. 2018. Visualizando o corpo: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. *Novos Olhares Sociais*, Cachoeira, 1(2):1-43.
- PÉRET, Flávia. 2018. A palavra escrita como ato de resistência. *Revista Palavra*, SESC, 8(2):28-35.
- QUIJANO, Aníbal. 2005. Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina. In: _____. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires, Clacso.
- ROCHA, Aline Matos. 2014. A exclusão intelectual do pensamento negro. *Pólemos*, Brasília, 3(1):103-119.
- _____. 2015. *Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico*. Monografia de Conclusão de Curso em Filosofia, Universidade de Brasília.
- SCISLESKI, Andrea; HUNING, Simone. 2016. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis. *Polis & Psique*, Porto Alegre, 6(1):8-27.



SCHIAVO, Igor. 2014. *O papel do teatro na formação humana: reflexões sobre o método de trabalho do “coletivo clandestino”*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná.

SANTOS, Boaventura de Souza. 2009. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra, CES.

SLAM CAMÉLIAS. 2019. *Slam Camélias - MS*. In: <https://b-m.facebook.com/slamcamelias/> (acessado em 25 de junho de 2019).